

# ***EXCERTOS DE UM MEMORIAL ACADÊMICO***

*Rodrigo Duarte*  
Universidade Federal de Minas Gerais  
rodrigoantonioduarte@gmail.com

**RESUMO** *O artigo apresenta trechos do memorial acadêmico apresentado pelo autor como requisito parcial para obtenção do cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Seu objetivo era gerar uma contribuição que abordasse a memória do referido Departamento, na medida em que enfocasse a trajetória acadêmica do autor; enquanto ex-aluno dos cursos de graduação e de mestrado e, posteriormente, docente – totalizando cerca de quarenta anos – nessa instituição. O memorial, a partir do qual foi produzido este texto, possui mais de cento e trinta páginas com alguns tópicos biográficos do docente, contemplando descrições do modo específico de ser da instituição que o acolheu, e o critério preponderante para a seleção dos trechos aqui presentes foi exatamente o entrecruzamento desses dois momentos indissolúveis.*

**Palavras-chave** *memória, carreira acadêmica, ensino de filosofia.*

**ABSTRACT** *The article presents passages extracted from Rodrigo Duarte's academic memorial, issued as a partial requirement to earn the position of Full Professor at the Department of Philosophy of the Faculty of Philosophy and Humanities of the Federal University of Minas Gerais. Its goal was to produce a contribution to the memory of the aforementioned department while focusing the academic itinerary of its author as its former undergraduate and graduate student as well as its faculty member – a period of circa forty years linked to this institution. The academic memorial, from which the article was generated is a more than hundred thirty pages text, in which some biographical topics converge with a narrative on the specific condition of the institution that*

*hosted its author for so a long time and the intertwining of both features was the strongest criterium to the selection of the passages.*

**Keywords** *memory, academic carrier, teaching of philosophy.*

As páginas que se seguem, como sugere o título dado a este texto, foram extraídas do memorial acadêmico apresentado pelo seu autor em maio de 2006 como requisito parcial para inscrição em concurso público para preenchimento de uma vaga do cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. A ideia de proceder desse modo a fim de gerar uma contribuição que abordasse a memória do referido Departamento surgiu a partir de uma dupla constatação: em primeiro lugar, a de que, embora o objetivo de memoriais desse tipo seja antes de tudo focar a trajetória acadêmica do candidato à vaga do concurso, no caso de alguém que – como o autor destas linhas – foi ex-aluno dos cursos de graduação e de mestrado e depois veio a ser docente dessa instituição, boa parte das atividades acadêmicas pessoais descritas no texto se refere ao próprio ambiente intelectual em que elas se desenvolveram.

Além disso, constata-se também que, com as raras exceções daqueles que são efetivamente publicados, os memoriais produzidos com o objetivo de concursos desse tipo ficam prejudicados em virtude do esquecimento dos pares e das gerações posteriores, soterrando partes importantes da memória das instituições e das pessoas que nelas atuam, atuaram ou atuarão.

O memorial a partir do qual foi produzido este texto é bastante extenso, com mais de cento e trinta páginas, nas quais alguns tópicos biográficos do autor se entremeiam com descrições do modo específico de ser da instituição que o acolheu, com poucas interrupções, por mais de quarenta anos, primeiro na qualidade de aluno e, posteriormente, na de professor. O texto original se encontra dividido em quatro capítulos, cada um com cerca de trinta páginas. O primeiro deles, denominado “Anos de aprendizado” enfoca o início da graduação em filosofia do autor, reportando-se também ao contexto prévio que o levou a esse começo. Essa parte se encerra com seus últimos passos no Brasil antes de embarcar para a Alemanha a fim de iniciar o seu doutorado na Universidade de Kassel. O segundo capítulo, intitulado “Doutorado na Alemanha” é talvez aquele em que o elemento autobiográfico seja mais relevante, pois, mesmo já tendo o autor deste texto conhecido esse país antes de iniciar lá o seu

doutoramento, o choque cultural, que só um residente pode experimentar, teve impactos importantes não apenas na tese que redigiu e defendeu, mas também no tipo de trabalho acadêmico que ele veio a realizar depois de retornado ao Brasil. O terceiro capítulo, chamado “Consolidando a carreira”, como o nome diz, relata as experiências desde o retorno da Alemanha, ainda sem uma colocação profissional definitiva, até o momento em que o autor conquistou posição suficientemente sólida para se arriscar em voos mais altos. A consequência dessa disposição está descrita no quarto e último capítulo, “Experiências acadêmicas no mundo globalizado”, no qual se mencionam, dentre outras coisas, os aspectos considerados mais relevantes da experiência do autor na University of California at Berkeley, de seus principais retornos à Alemanha com objetivos acadêmicos – especialmente os relacionados com o projeto de pesquisa cooperativo com a Bauhaus Universität de Weimar – e de sua intensa atividade no centenário de Adorno, em 2003.

De todo esse – bem amplo – escopo do memorial original foram extraídas apenas as considerações que, de um modo ou de outro, possam ser significativas para a memória do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Filosofia. Desse modo, foram deixados de lado os tópicos que se referem mais diretamente à biografia intelectual do autor (gênese dos seus livros, artigos, palestras, organização de congressos, coordenação de projetos de pesquisa etc.) e às atividades de formação que produziram algumas dezenas de mestres e doutores, ao longo dos seus trinta anos de atividades docentes na UFMG.

Para este conjunto de excertos foi proposta uma nova organização do material, que ficou dividido em três seções: a primeira, denominada “Ex-estudante de engenharia eletrônica inicia o curso de filosofia” foi extraída do primeiro capítulo do memorial e enfoca o período do autor como aluno de graduação do Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. A segunda, também extraída do mesmo capítulo do memorial, possui o auto-explicativo título “Recém-formado em filosofia na UFMG ingressa no mestrado do mesmo departamento”. A terceira seção, intitulada “Recém-doutor chega da Alemanha à procura de trabalho (e encontra...)”, foi extraída do terceiro capítulo do memorial e enfoca o recomeço da carreira acadêmica do autor, com ênfase no início do seu trabalho como docente do Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. A quarta e última seção, com o título “Uma carreira consolidada segue o seu curso...”, foi extraída do quarto capítulo do memorial e enfoca, dentre as atividades acadêmicas do autor, aquelas que apontam para tópicos que possam ser considerados relevantes para a memória da instituição até a primeira metade da década de 2000.

Teve-se o cuidado de não modificar em nada o texto original do memorial, com exceção da correção de erros de digitação, diferenças em relação à ortografia vigente até 2006, ou evidentes falhas na sua revisão final. Daí, por exemplo, a conservação de sua característica de um relato sempre na primeira pessoa do singular. Além disso, a indicação de que o texto destes excertos não prossegue como se encontra no original é feita com “(...)”, o que, apesar dos esforços no sentido de uma edição mais homogênea, não eliminou, de modo algum, o caráter de “montagem” que este texto assumiu. Contudo, o seu autor espera, com ele, contribuir para a recuperação de parte da memória do Departamento de Filosofia da UFMG.

### **Ex-estudante de engenharia eletrônica inicia o curso de filosofia**

Em março de 1980, depois de um caminho bastante tortuoso, cujas principais estações mencionarei adiante, iniciei meus estudos de graduação em filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. O primeiro período do curso ocorria no chamado “Ciclo Básico de Ciências Sociais”, frequentado pelos alunos iniciantes de quase toda a faculdade e ainda pelos de Letras e Direito. Das cinco disciplinas recomendadas para esse semestre, só uma era especificamente filosófica, a “Introdução à filosofia”; as outras eram de introdução, respectivamente, à Política, Sociologia, Economia e à Epistemologia das ciências humanas (essa se intitulava “Lógica do Pensamento Científico” e era oferecida pelo Departamento de Filosofia a todos os cursos participantes desse ciclo introdutório). Apesar da ansiedade que tínhamos em começar logo a estudar os assuntos específicos do curso que escolhêramos frequentar, a vivência do “Básico” – onde convivíamos com primeiranistas de quase todos os cursos de humanidades – era muito interessante e enriquecedora. Até hoje lembro-me muito bem de algumas das pessoas que conheci naquela época entre os estudantes de Sociologia, Letras ou Direito – com alguns dos quais ainda me encontro esporadicamente.

Tive o privilégio de ter como professora de Introdução à Filosofia a saudosa Sônia Viegas, por quem, já na primeira aula, passei a desenvolver enormes admiração e estima. Desde o princípio, ela dosava muito bem reflexão séria com um bom humor que nos fazia sentir totalmente à vontade mesmo diante de uma situação totalmente nova, que comportava ao mesmo tempo muita esperança e muita apreensão. Não era um programa acadêmico, mas, mediante uma engenhosa distribuição das matérias, nos estimulava a pensar por conta própria não apenas em questões de nossa vida pessoal, mas naquelas que potencialmente dizem respeito a todos nós: humanidade, mundo, natureza,

Deus etc. Especificamente para essa matéria – ao contrário das turmas gerais do “Básico” –, o grupo não era grande: éramos no máximo uns dez alunos, dos quais dois não apenas seguiram todos os passos da formação completa e da docência em filosofia, como também se tornaram meus amigos até o presente. Refiro-me a Livia Guimarães e José Luiz Furtado; a primeira veio a ingressar como professora assistente no Depto. de Filosofia no final dos anos oitenta e atualmente ainda é uma querida colega de trabalho e o último, desde o início da década de noventa, é professor na Universidade Federal de Ouro Preto, tendo sido um dos fundadores do Depto. de Filosofia nessa instituição. José Luiz não me era desconhecido, embora só tenha me aproximado dele nos tempos da graduação em filosofia. Como eu, ele tinha tido um percurso complexo até chegar ao ponto de começar o curso de filosofia e nossos caminhos tinham se cruzado numa das estações desse percurso.

Filosofia era a segunda graduação que eu iniciava, sendo que a primeira – como sói acontecer nos casos de mudança de curso – era em uma área de conhecimento totalmente diferente: engenharia eletrônica. Meu início no curso de filosofia marcava, na verdade, o fim de um processo longo e doloroso e uma fase de novas e grandes perspectivas, apesar da insegurança que inspirava sob o aspecto profissional, principalmente no que tange às condições materiais de vida.

(...)

No período em que lecionei no INETEC conheci José Luiz Furtado, que – já assinei – veio posteriormente a ser meu colega na graduação em filosofia, como um irrequieto e politicamente engajado professor do ensino médio de eletrônica, que, como eu, se sentia ali um pouco deslocado. Isso porque, após ter iniciado o curso de Engenharia de Telecomunicações em Itajubá, estudava então Ciências Sociais, também na PUC de Belo Horizonte e, como eu soube depois, já aspirava a iniciar seus estudos de filosofia.

Nesse mesmo período em que eu começara os estudos de engenharia eletrônica, a partir do aprendizado na música, surgiu em mim também grande curiosidade por questões de teoria geral das artes, o que já sinalizava em direção ao interesse que vim a desenvolver, já na graduação em filosofia, pela estética.

(...)

Inspirando-me numa paixão mais recente, a leitura de livros de história da filosofia, comecei a nutrir o desejo de ingressar nesse domínio, o que, a princípio causou grande surpresa nos meus familiares (e até em alguns dos meus amigos). De minha família, preocupada com minha saúde física e mental, tive a compreensão e o incentivo (ainda que não sem uma ponta de apreensão) para abandonar, no sexto período, o curso de engenharia eletrônica e, com toda a paciência, me preparar para novo vestibular, estudando sozinho em apostilas

que consegui emprestadas. Deveria começar tudo novamente do zero, pois, além de as transferências entre áreas diferentes na PUC serem na época muito difíceis, eu sabia que na UFMG encontraria um curso de filosofia melhor e mais estimulante (minha demanda era por uma filosofia inteiramente leiga, sem qualquer ponta de influência da teologia, o que certamente não era o caso na PUC).

(...)

Lembro-me que, quando fui me inscrever para o vestibular de filosofia da UFMG, encontrei-me com José Luiz Furtado fazendo exatamente a mesma coisa e apreciamos muito essa coincidência.

Em dezembro de 1979 e janeiro de 1980 prestei vestibular para filosofia na UFMG, fui aprovado e, em março iniciei o curso, cujo primeiro período descrevi acima. Seria enfadonho descrever em detalhes as matérias cursadas, de acordo com cada semestre – informações que, aliás, encontram-se no meu histórico escolar. Por isso vou apenas mencionar aquelas disciplinas e professores que tiveram um impacto maior em minha formação e influenciaram as minhas opções acadêmicas posteriores. Mais uma vez, tive a sorte de ter novamente Sônia Viegas como professora na disciplina de Cultura Grega, a qual era oferecida sempre paralelamente ao curso de História da Filosofia Grega, a cargo do Prof. Sylvio Barata. Nesse mesmo período tive também Lógica com Paulo Margutti, com quem desde então tenho – até o presente – uma relação de grande respeito e estima.

No terceiro período, dentre as matérias que cursei estavam Filosofia da Ciência, com Ricardo Fenati, História da Filosofia Moderna, com Ângela Mascarenhas e História da Filosofia Medieval, com o Padre Orlando Vilela. O Curso do Prof. Fenati era ao mesmo tempo bem esquematizado e rico em detalhes e nos dava a sensação de estarmos realmente aprendendo alguma coisa sobre a pré-história da situação atual de domínio quase absoluto da ciência natural sobre todos os outros âmbitos da cultura. A professora Ângela ministrava um curso também muito interessante, no qual éramos obrigados a pensar junto com ela, reconstruindo os passos que levaram Descartes ao cogito e seus sucessores a abordarem esse novo paradigma com o objetivo de estabelecerem seus pensamentos próprios. Padre Orlando Vilela deveria ministrar um curso panorâmico sobre a Filosofia Medieval, da Patrística à Escolástica; mas tendo lançado recentemente seu conhecido livro sobre o amor de Heloísa e Abelardo, centrou seu curso principalmente nesse assunto, de modo que, mesmo tendo adquirido um déficit com relação ao pensamento medieval em geral, lembro-me com muita simpatia da paixão com que ele falava horas a fio sobre tal assunto. Esses três professores, com quem cursei também outras disciplinas ao longo do

curso, me causaram profunda e duradoura impressão, sendo que com Ricardo Fenati tenho até a presente data um relacionamento afetuosos e – como não poderia deixar de ser – bem-humorado. Com a Profa. Ângela perdi o contato após a sua aposentadoria (ocorrida quase à mesma época em que ingressei, como professor, no Depto. de Filosofia da UFMG). Senti muito a perda do Padre Orlando Vilela, quando ele, após sofrer um câncer, nos deixou, em 1986.

De um modo geral, tive bons professores ao longo do curso de graduação em Filosofia, mas antes de encerrar essa descrição um tanto impressionista, gostaria de mencionar dois professores que muito me influenciaram quando já me encontrava na segunda metade do curso. O primeiro deles foi José Henrique Santos, que, exatamente quando eu cursava a graduação em Filosofia, cumpria mandato de Vice-Reitor e, portanto, estaria dispensado de suas atividades didáticas. Eu o ouvi pela primeira vez proferindo palestra num simpósio comemorativo aos 200 anos de publicação da *Crítica da Razão Pura*, mas também tive o privilégio de ser seu aluno numa situação excepcional que descreverei a seguir: provavelmente porque gostava muito de lecionar, mesmo fazendo parte da alta administração da UFMG, uma vez ele dividiu com a esposa, a supramencionada Profa. Ângela Mascarenhas, um curso sobre Idealismo Alemão para os graduandos, o que foi para mim uma experiência inesquecível. O Prof. José Henrique já era desde aquela época nacionalmente conhecido e, além do aprendizado que tive com ele, principalmente de Kant e de Hegel, foi para mim muito importante ouvi-lo sobre suas experiências de estudo na Alemanha, uma vez que, já naquela época, eu pensava seriamente em fazer pós-graduação nesse país. O outro professor que me influenciou muito nesse período foi Walter Evangelista, com o qual cursei consecutivamente duas matérias. A primeira era uma disciplina obrigatória: Filosofia das Ciências Sociais, para a qual o Professor Walter tinha um esquema bastante cerrado, baseado em Louis Althusser. Mesmo nunca tendo sido um entusiasta de Althusser, confesso que a sistematização de seu pensamento feita pelo professor me impressionou muito e, para mim, tinha a vantagem de o autor focalizado ser um pensador marxista. É certo que, com o Prof. José Henrique eu tinha aprendido a ver Marx numa conexão íntima com o Idealismo Alemão e, mesmo não sendo essa de modo algum a orientação adotada por Althusser, era bom estar em contato com alguém que exortava a “Ler o Capital”. O outro curso do Prof. Walter que frequentei era uma disciplina optativa de leitura da Ideologia alemã, de Marx e Engels, onde aprendi a conhecer uma característica que considero – até hoje – altamente positiva no professor: sua abertura ao diálogo com perspectivas diferentes da sua própria. Era sabido que Evangelista tinha uma leitura bastante restritiva do texto de Marx, totalmente determinada por sua adesão ao ponto de vista althusseriano. No entanto, tínhamos um bom

diálogo com ele, adotando, já à época, uma perspectiva de leitura de Marx mais conectada à tradição filosófica, especialmente de Kant e do Idealismo Alemão.

(...)

Quando eu iniciava o segundo período, surgiu uma vaga para monitor da disciplina oferecida pela filosofia no “Básico”, “Lógica do Pensamento Científico”. Fiz o teste de seleção e passei em primeiro lugar, ficando, portanto com a vaga. Era um trabalho interessante, pois auxiliávamos os professores na preparação e distribuição de seus materiais didáticos, e os apoiávamos em sala de aula na ocasião de discussões em grupo, por exemplo. Eventualmente, até mesmo ficávamos temporariamente na condição de professor quando se tratava de aplicar provas e estudos dirigidos. Ficávamos também de plantão para o atendimento dos alunos da disciplina, que, em geral, só apareciam mais no final do semestre, de modo que podíamos usar boa parte desse tempo para ler e estudar, o que era muito bom. À época não havia restrição de tempo de monitoria para um mesmo estudante e eu fiquei nessa função até o fim do curso de graduação, ganhando um salário que não era farto, mas certo e, como eu já disse, era uma sinalização importante para meus familiares de que era possível vir a ganhar a vida como profissional de filosofia.

Com essa mesma intenção, me candidatei a uma bolsa de pesquisa de um certo “Prêmio Mannesmann” que existia à época como resultado de um convênio entre o Departamento de Filosofia da UFMG e a empresa siderúrgica alemã. A causa imediata desse convênio era o fato de que um professor do Departamento, Antonio Cota Marçal, após se doutorar em filosofia na Alemanha, dividia seu tempo entre o ensino na UFMG e o cargo de assessor da diretoria da Mannesmann do Brasil. A partir disso, instituíram-se duas bolsas-prêmio por ano para os alunos do Departamento que apresentassem projetos sobre filósofos alemães. Sob a forte influência dos então ainda recentes cursos de História da Filosofia Moderna e Lógica, e movido por uma grande curiosidade pessoal, apresentei um projeto sobre a linguagem universal em Leibniz, juntamente com minha colega Wiliane Viriato Rolim, a quem eu convencera a se interessar pelo filósofo e por esse tema. Era um exame de seleção muito difícil pois havia uns cinco projetos (pelo menos um deles, pelo que me lembro, era de aluno do mestrado) e eram apenas duas bolsas. Felizmente conseguimos uma das bolsas e pudemos iniciar no segundo semestre de 1981 a pesquisa, sob orientação do Prof. Paulo Margutti, com quem, como mencionei acima, cursara Lógica. Encontrávamos semanalmente com o orientador e trabalhávamos bastante, com uma divisão do trabalho que se mostrou, desde o início, muito eficiente: eu tinha um vislumbre mais teórico do trabalho a ser desenvolvido, mas era muito tímido e, de certo modo, ainda era meio novato no departamento. (...) Dessa pesquisa resultou



meu (nosso) primeiro trabalho acadêmico, intitulado “A noção de *characteristica universalis* em Leibniz” que só não foi também meu primeiro texto acadêmico publicado porque um artigo que eu tinha escrito sozinho, depois de terminada a redação do texto sobre Leibniz, saiu antes, no livro *Ecologia e cultura*, que eu próprio organizara reunindo textos de colegas preocupados em relacionar as ciências humanas com a reflexão sobre a problemática ambiental (isso será retomado adiante).

É importante também assinalar que, antes mesmo de iniciar o curso de graduação em filosofia (mas já talvez pensando nele), iniciei o aprendizado de alemão no Goethe Institut de Belo Horizonte. A decisão de iniciar o estudo desse idioma, que a princípio não parecia muito justificada, já que a principal influência filosófica no Departamento de Filosofia da UFMG era francesa, mostrou-se totalmente acertada quanto mais eu progredia no curso de graduação. Especialmente depois que cursei a supramencionada disciplina de Idealismo Alemão, dividida pelos Professores José Henrique e Ângela, ficou claro que era o tipo de filosofia que mais me interessava, o que me animou no estudo do Alemão, fazendo de mim um aluno muito atento e aplicado.

(...)

O ano de 1982 foi então marcado por um *tour de force* para eu me formar: cursei ao longo do ano onze disciplinas (quando o normal seriam oito) e entrei com um pedido no colegiado para a incorporação, como disciplinas científicas ou optativas, de todas as matérias que eu tinha frequentado no curso de Engenharia Eletrônica, cujo conteúdo fosse minimamente compatível com o perfil exigido para esses dois tipos de disciplina. Uma parte delas foi aceita, o que inteirou o número de créditos suficiente para que eu pudesse me formar no fim do ano. (...)

### **Recém-formado em filosofia na UFMG ingressa no mestrado do mesmo departamento**

O exame de seleção ao Mestrado em Filosofia era, já à época, bastante difícil. Havia, em geral, menos candidatos do que agora (cerca de trinta, contra os quase cem de hoje), mas, em compensação eram dez textos que deveriam ser lidos e poderiam ser cobrados para a prova escrita mediante o sorteio de um deles. Lembro-me, na época, que todos temiam que fosse sorteado o prefácio à Fenomenologia do espírito, que era um dos textos da lista. Naturalmente, foi esse difícil texto o sorteado e eu, como os outros candidatos, fiz o que pude para responder às questões de modo convincente. Aparentemente, minha proposta de trabalho, apesar de um tanto inusual, foi bem recebida pela banca e, apesar de ter – imprudentemente – escolhido o idioma alemão para a prova de língua

estrangeira instrumental, obtive uma nota total bastante boa. Disseram à época que eu tinha sido aprovado em primeiro lugar, mas eu estava tão feliz de ter sido aprovado que para mim não importava a classificação: nunca fui à secretaria conferir se fui mesmo classificado em primeiro lugar.

Iniciei o Mestrado no primeiro semestre de 1983 cursando duas disciplinas: “Marxismo”, com o Prof. Luiz Bicalho, e “Idealismo alemão”, com o Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. Embora eu conhecesse ambos os professores de nome, ter aulas com eles era uma grande novidade. No que tange a Luiz Bicalho, aconteceu de, no meu período de graduação, não ter havido oportunidade, fosse pelo horário das aulas, fosse pela temática do curso, de me matricular em suas disciplinas. Quanto ao Padre Vaz, aquele ano era o de seu retorno à UFMG, depois de um período lecionando em Nova Friburgo e no Rio de Janeiro. Não havia nada mais oportuno agora do que cursar as cadeiras oferecidas por ambos, uma vez que, a partir de uma tendência já aqui mencionada, meu enfoque da obra de Marx passaria naturalmente por uma conexão com a filosofia clássica alemã.

O curso do Prof. Bicalho era uma leitura, quase que parágrafo a parágrafo de *O Capital*, seguindo paralelamente a um hercúleo trabalho que ele realizava à época de resumir literalmente toda a obra monumental de Karl Marx. Era, portanto, uma série de cursos, que, por sorte minha, começara quando ingressei no mestrado e que se estendeu pelos três semestres de cursos habitualmente obrigatórios para chegar ao ponto de defender a dissertação (trinta e dois créditos, contra os atuais dezesseis, aqui na UFMG). Ainda hoje posso dizer que conheço bem o *opus magnum* de Marx em virtude do trabalho realizado àquela época, no qual eu cotejava a tradução portuguesa do texto integral de *O Capital* e os resumos fornecidos em fotocópias por Bicalho com o texto original em alemão. Era uma turma bastante heterogênea, com alunos de outras áreas, tais como Antropologia e Medicina, por exemplo, além dos da própria Filosofia, sendo que o denominador comum era o interesse pela obra de Marx. Nesse três semestres tive tempo para reconhecer em Luiz Bicalho um grande ser humano ao lado de um intelectual engajado, já com certa idade e membro histórico do hoje extinto Partido Comunista Brasileiro, inclusive no período de maior repressão à esquerda por parte do regime militar de extrema direita. Reconheci também nele alguém incrivelmente aberto, pois nossas interpretações de certos trechos de *O Capital* por vezes divergiam completamente (acho que eu já era um pouco “frankfurtiano”, sem o saber) e mesmo assim – após discussões acaloradas – ele se mantinha a mesma pessoa carinhosa e atenciosa; o mesmo professor dedicado de sempre. Nem é preciso dizer que essa série de cursos foi decisiva para a concepção final e a redação do trabalho de mestrado, sendo uma consequência direta do curso a delimitação que introduzi no projeto: em vez

de focar o tema da natureza em toda a obra de Marx, a dissertação deveria abordar preponderantemente *O Capital*.

A outra série de cursos (também de três) que frequentei e que teve uma influência enorme na elaboração do trabalho escrito foi “O problema da essência em Kant e Hegel”, a cargo do Padre Vaz. O primeiro curso enfocava especialmente a Crítica da razão pura e tinha como objetivo – tanto quanto consigo sobre isso me recordar – mostrar que, a partir do seu “giro copernicano”, a filosofia de Kant estabeleceu uma nova concepção de essência, totalmente dessubstancializada: uma vez que a “coisa em si” é incognoscível e a essência deveria possuir o atributo da cognoscibilidade, aquilo que Kant chama na *Primeira crítica* de “fenômeno objetivo” assumiria o lugar outrora – na filosofia pré-crítica – ocupado pelo termo “essência”. Assim como o curso do Prof. Bicalho era uma leitura orientada e seguida de (interessantes) discussões acerca de *O Capital*, o do Padre Vaz acabava sendo um poderoso guia na abordagem da difícil obra prima de Kant, com a diferença que esse tinha mais características de uma *aula magna* e, embora o professor respondesse amavelmente todas as questões que lhe fossem colocadas, ele não parecia gostar da idéia de que discussões muito longas sobre determinado tópico comprometessem a magistral aula que ele preparara com tanto cuidado, e que o levava a preencher várias vezes o quadro negro com iluminadores esquemas e diagramas.

Nos dois semestres subsequentes, Padre Vaz se ocupou da essência em Hegel e, nesse caso, não havia nenhuma tese própria que servisse de chave de leitura da Ciência da lógica: era mesmo uma leitura detalhada de sua “Lógica da essência”, na qual as obscuras interconexões de conceitos feitas por Hegel iam se tornando mais compreensíveis a nossos olhos, à medida em que o professor preenchia sucessivamente vários quadros negros com os signos e palavras que nos ajudavam a entender aquela obra, que se mostrava de muito mais difícil compreensão do que a *Crítica da razão pura*. Também essa série de cursos teve um grande impacto na concepção do que viria a ser minha dissertação de mestrado, pois aquela intuição que eu tinha sobre a riqueza de se ler Marx em conexão com o Idealismo Alemão era agora uma certeza e isso se refletiu no modo como vim a organizar definitivamente o trabalho escrito que foi à defesa.

Antes de eu abordar a estrutura definitiva da dissertação de mestrado, eu gostaria de mencionar um acontecimento de alta relevância em minha trajetória intelectual, cuja origem se encontrava na minha situação econômica ainda frágil, apesar de ter obtido bolsa de mestrado da CAPES. Depois de, se não me engano, nove anos sem qualquer contratação, o Departamento de Filosofia da UFMG abria concurso público para provimento de duas vagas de professor auxiliar, i.e., que poderia apenas com graduação em filosofia ter o direito de

se inscrever. Acontece que em todos esses anos praticamente duas gerações de alunos – alguns deles muito bons – se sucederam, sem que ninguém fosse absorvido pela instituição como docente. Era natural, então, que houvesse uma concorrência enorme para essas duas vagas e, de fato, quando se encerraram as inscrições havia, se não me falha a memória, dezoito candidatos, a metade dos quais estava realmente no páreo para alcançar as duas classificações. Resolvi me inscrever ao concurso, mesmo sabendo da enorme dificuldade em obter uma das duas vagas e na condição bastante desfavorável de ser o único recém-formado, apenas iniciando o mestrado, dentre colegas que se encontravam na fase final do curso – portanto portadores do diploma de “pós-graduação *lato sensu*” (à época, a conclusão dos créditos do mestrado dava direito ao título de “especialista”).

(...)

O concurso consistia de prova escrita sobre um dos dez pontos propostos, a ser sorteado no início de sua realização, prova didática, também sobre um dos mesmos dez tópicos escolhido em sorteio independente, e prova de títulos. Dos dezoito candidatos iniciais (dos quais sobraram uns treze que compareceram às provas) seis foram aprovados, sendo que eu estava entre eles, em quinto lugar, portanto não entre os dois primeiros – meus atuais caríssimos colegas Newton Bignotto e Telma Birchall –, que merecidamente ocuparam as duas vagas anunciadas no edital do concurso. Esse quinto lugar teria me deixado inconsolavelmente desanimado caso minha média final não tivesse sido: nove! É claro que eu senti muito não estar entre os dois primeiros colocados, mas a situação supramencionada de acúmulo de bons candidatos ao longo de nove anos explicava bem o resultado: as notas das provas de “performance” (escrita e didática) praticamente se equivaliam, tendo sido a prova de títulos o grande diferencial: pesara contra mim não ter ainda concluído os créditos do mestrado, portanto, ainda não ser “especialista” (o que todos os outros candidatos eram) e também não ter ainda qualquer experiência didática em filosofia.

(...)

No início de 1985 me inscrevi para a seleção de professor substituto para o Departamento de Filosofia da UFMG, cujo destino, no entanto, seria lecionar no Ciclo Básico a disciplina “Lógica do pensamento científico”, na qual eu atuara por dois anos e meio como monitor. Fui escolhido para a vaga, por um período de um semestre sem possibilidade de renovação, já que os contratos de professores substitutos à época assim o determinavam. A remuneração era condizente com a tarefa e eu tinha a possibilidade de lidar com um alunado mais bem preparado, dentre o qual havia também calouros de filosofia, o que talvez diminuísse minha frustração de até então só ter lidado com estudantes de outras áreas.

(...)

Esse tópico remete ao tema da orientação no mestrado: quando eu iniciei o mestrado havia no departamento dois professores que trabalhavam bastante com a obra de Marx e que, portanto, poderiam me orientar: os supramencionados Walter Evangelista e Luiz Bicalho. Esse último só vim a conhecer mais de perto quando já estava cursando o Mestrado e, como era importante, já durante o exame de seleção – especialmente na entrevista – nomear um possível orientador, eu havia pedido ao Prof. Walter que me permitisse citar seu nome como alguém disposto a me orientar, com o que ele simpaticamente concordou. Desse modo, iniciei o Mestrado sob a orientação do Prof. Walter, temendo, no entanto, que ele viesse a considerar meu tema – a questão da natureza em Marx – como excessivamente “idealista”, já que ele implicava certas discussões sobre “ser” e “essência” que, do ponto de vista althusseriano, sequer seriam consideradas como válidas. Foi nessa época que reencontrei, recém-chegado da França, Ivan Domingues, que conhecera como professor do Departamento atuante principalmente no Ciclo Básico, na época em que era monitor da disciplina “Lógica do pensamento científico”. O Mestrado do Prof. Ivan tinha sido sobre a questão da renda da terra em Marx, o que possuía uma conexão direta com o tema que me interessava para minha dissertação. Após algumas conversas com Ivan Domingues, cheguei à conclusão que a pessoa mais indicada para me orientar seria ele e não Walter Evangelista, com o qual um desentendimento teórico que pudesse comprometer a realização a contento de meu projeto, no meu entender, à época, seria apenas uma questão de tempo. Por outro lado, eu temia que o Prof. Walter, que tão prontamente atendera meu pedido para ser meu orientador, se sentisse ofendido com minha intenção de mudança – situação que, eu sabia, não é incomum no meio acadêmico. Procurei Walter para conversar sobre isso e vi-o liberar-me para solicitar a Ivan Domingues que fosse meu orientador com a mesma candura com que aceitara, quase um ano antes, que eu o citasse como possibilidade de orientação para o meu projeto perante a banca do exame de seleção ao Mestrado. Fiquei permanentemente grato ao Prof. Walter, primeiramente, por ter me acolhido como possível orientando; depois, por, talvez também pressentindo diferenças substantivas que adviriam de leituras quase antagônicas do texto de Marx, me deixar à vontade para procurar um orientador cujo enfoque da questão que me interessava fosse mais próximo do meu próprio.

A orientação dada por Ivan Domingues era extremamente eficiente e rigorosa, funcionando à base de entrega, por mim, de textos (capítulos ou trechos deles) escritos, os quais após certo tempo eram implacavelmente corrigidos e comentados em reuniões muito produtivas, nas quais o orientador apontava tanto

para as faltas quanto para os excessos do material entregue e me obrigava a complementar, diminuir ou mesmo repensar o já feito. Ao longo desse processo foram se tornando claras algumas diferenças de ponto de vista entre mim e o orientador sobre o alcance da concepção de natureza em Marx, mas nada que tenha comprometido o andamento da orientação e – principalmente – sua finalização. Retornarei a esse ponto quando relatar a sessão de defesa de minha dissertação de mestrado.

(...)

Eu estava com os primeiros capítulos de minha dissertação rascunhados e já pensava seriamente na continuidade dos estudos num curso de doutorado, desejando muito que esse se desse na Alemanha – país que, a meu ver, produzira nos últimos duzentos anos uma das mais interessantes e profundas filosofias e que, não por acaso, já me era conhecido até mesmo no seu difícil idioma. Nesse particular a ajuda de Vals e Cirne Lima me foi de grande utilidade, pois ambos me apresentaram, quase que simultaneamente (sinceramente não me lembro qual deles, com pequena diferença de tempo foi o primeiro a fazer isso) Hans Georg Flickinger, do qual Vals já tinha me falado, por ocasião de uma palestra que dera recentemente em Belo Horizonte, como um possível orientador para mim na Alemanha, mais especificamente em Kassel, cidade em cuja universidade ele era professor. É interessante observar que, até hoje, Vals e Cirne Lima relatam história quase idêntica sobre como chegaram a me apresentar ao professor alemão, sendo que ambos estão igualmente corretos: como já disse, eu próprio não sei qual dos dois me apresentou primeiro a Flickinger.

(...)

Como assinalei acima, o primeiro semestre de 1985 foi de enorme atividade, pois além de todas as aulas que estava ministrando (na FAFICH, na Faculdade Izabela Hendrix e na Newton Paiva), as quais totalizavam quase trinta horas semanais, eu estava com minha dissertação por terminar e o único jeito de fazê-lo era ocupar também meus fins de semana com o trabalho de redação, o que de fato fiz, terminando o trabalho ao fim do semestre letivo, de modo que o Prof. Ivan pôde ler o trabalho e sugerir as correções e modificações a tempo de eu entregar as cópias exigidas para a defesa um pouco depois do início do segundo semestre letivo desse mesmo ano. Desse modo, no dia 24 de outubro 1985 ia finalmente à defesa minha dissertação de mestrado intitulada “O conceito de natureza n’O Capital”, composta de cinco capítulos, nos quais eu primeiramente situava a idéia de filosofia em momentos-chave da tradição filosófica (capítulo 1), recapitulava a concepção de natureza em Feuerbach e no jovem Marx (capítulo 2), para depois abordar o tema da natureza em *O capital* sob dois aspectos do processo de trabalho: considerado “abstratamente” (capítulo

3) e inserido na atividade produtiva fabril, típica do moderno capitalismo pós-revolução industrial (capítulo 4); num quinto e último capítulo, minha intenção era investigar até que ponto o conceito marxiano de natureza seria útil para uma abordagem da questão ecológica, típica do século XX e ainda desconhecida de Marx no século XIX.

A banca era composta, além de Ivan Domingues como orientador, do Prof. Luiz Bicalho e do Prof. Padre Vaz. Esse foi o primeiro a arguir, tendo feito muitos elogios ao trabalho, apontando a seguir para o que ele considerava uma falta importante: segundo ele o conceito marxiano de natureza era caudatário de duas tradições opostas na filosofia européia, a saber, a empirista, plasmada na Economia Política Inglesa, e a racionalista, oriunda principalmente da influência, sobre Marx, do Idealismo Alemão. A primeira tinha a ver com uma concepção de *natura naturata*, a segunda com a de *natura naturans*. A instigante questão do Padre Vaz era que eu abordara em minha dissertação quase que exclusivamente a concepção oriunda do empirismo britânico, deixando quase intacta a outra vertente. Após concordar com ele sobre a ênfase que eu dera na concepção de *natura naturata*, por entender que essa era a predominante em *O capital*, eu procurei mostrar que na minha adesão à interpretação de Alfred Schmidt em seu excelente livro *Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx (O conceito de natureza na doutrina de Marx)* havia elementos para uma abordagem da *natura naturans* em Marx, que eu deixara um pouco de lado, entretanto, pensando já numa temática para trabalhar numa tese de doutorado.

O Prof. Bicalho, o qual ressaltou bastante os aspectos positivos da dissertação, fez uma arguição voltada para muitas minúcias relativas à interpretação de passagens de *O capital*, chamando também a atenção para termos estranhos em português, que eu usara no intuito de tentar manter uma precisão em nossa língua que fosse correspondente à do original alemão. Lembro-me claramente da enfática rejeição de Bicalho à minha tradução de *Bedürfnis* por “carecimento”, para não haver confusão com o termo “necessidade” – em alemão *Notwendigkeit* –, que aparece frequentemente em *O capital* com o sentido de necessidade lógica.

Em sua arguição, Ivan Domingues explicitou sua diferença de ponto de vista para comigo sobre a concepção de natureza em Marx, argumentando que essa era limitada a um ponto de vista meramente econômico, deixando de fora tudo que não pudesse ser integrado ao processo produtivo, especialmente do sistema capitalista. Como nas outras ocasiões em que havíamos discutido esse assunto, reiterarei que a abordagem feita por Alfred Schmidt, que – ex-orientando de Horkheimer e Adorno – já incorporava uma crítica ao ponto de vista iluminista, do qual o próprio Marx talvez não escapara, e que isso para mim seria, na pior das hipóteses, um importante tópico para a continuidade de

minhas investigações num possível doutorado. Minhas respostas às questões colocadas foram aparentemente satisfatórias para a banca, pois tive nota máxima dos três examinadores e um convite do Padre Vaz para publicar a dissertação na recém-criada “Coleção Filosofia” das Edições Loyola, o que, naturalmente, me deixou radiante de felicidade.

(...)

No início de agosto de 1986 eu já estaria viajando para a Alemanha, mas, antes disso, experienciei uma enorme alegria que foi ver minha dissertação publicada em forma de livro, ao qual o editor deu o nome de *Marx e a natureza em ‘O Capital’*. O lançamento foi uma bela festa no dia 31 de julho desse ano, na qual compareceram todas as pessoas mais queridas – do meio acadêmico e de fora dele –, dentre as quais vários alunos e alunas. A vendagem de exemplares do livro foi excepcional para um autor ainda desconhecido: cerca de 120 livros, tendo havido também boa repercussão na imprensa local.

Essa memorável reunião encerrou um período de minha carreira, no qual as coisas começavam a dar certo e – confesso – por mais que a viagem à Alemanha para iniciar o doutorado fosse também a realização de um antigo sonho, não foi sem pesar que deixei Belo Horizonte e alguma repercussão conquistada pelo meu trabalho, para aportar em terras que, mesmo não sendo totalmente desconhecidas a mim, não deixavam de me ser estranhas. E a perspectiva de nelas residir por um período de quatro anos me causava certo desconforto.

### **Recém-doutor chega da Alemanha à procura de trabalho (e encontra...)**

No final de janeiro de 1990 cheguei a Belo Horizonte para recomeçar a vida no Brasil. Como já assinalei, nada havia de definitivo no campo profissional e a situação política no país era muito desanimadora com a vitória de Fernando Collor de Melo na disputa pela Presidência da República. (...)

No meio da situação confusa que marcou meu retorno ao Brasil, tive sorte num ponto: o supramencionado concurso para professor na UFMG, cuja inscrição se encerrava no dia 31 de janeiro de 1990, tinha tido todos os seus prazos dilatados em quinze dias em virtude da mudança da FAFICH da Rua Carangola, no Bairro Santo Antonio, para o Campus da Pampulha. Era exatamente o tempo que eu precisava para atualizar meu *curriculum vitae* e juntar o maior número possível de documentos comprobatórios, de modo a poder me inscrever no concurso. Tudo correu a contento quanto à inscrição e eu passei a estudar, nos sessenta dias que me restavam até a realização do concurso, até doze horas por dia os dez tópicos do seu temário, que era filosofia contemporânea e incluía desde Positivismo Lógico até Hermenêutica, passando por Fenomenologia e Ontologia Fundamental, dentre outros.



(...)

Para o concurso, além de mim, estavam inscritos mais um recém-doutor e um mestre (isso era possível, já que se tratava de uma vaga para professor assistente). Havia bastante tensão no ar, por parte dos membros do Departamento de Filosofia da UFMG, relativa à realização desse concurso, pois era o primeiro que se fazia após um outro certame que tinha dividido muito o grupo no tocante ao seu resultado, com reflexos sensíveis na própria performance do Departamento. No entanto, o concurso transcorreu sem problemas, sendo que a situação me foi favorável na medida em que meu concorrente com doutorado, após ser contemplado com uma bolsa de recém-doutor, havia desistido de concorrer à vaga de professor e o outro candidato não oferecia um risco substancial à minha aprovação em primeiro lugar. Desse modo, a partir de meados de abril de 1990 eu era um membro virtual do Departamento de Filosofia da UFMG, aguardando minha contratação definitiva pela instituição. Lembro-me de, diante da demora em ser definitivamente contratado, ainda ter ficado um pouco receoso de alguma coisa dar errado, principalmente porque o recém-empossado Collor de Melo vociferava em alto e bom som contra toda a administração pública federal ameaçando a suspensão *sine die* de todas novas contratações, mesmo dos aprovados em concursos.

(...)

Após minha efetivação na UFMG, que ocorreu apenas no início de julho de 1990, iniciei imediatamente minhas atividades didáticas, tanto no curso de graduação de filosofia quanto na pós-graduação que, na época, incluía apenas o mestrado. Meu primeiro curso na graduação era uma disciplina de Ética, obrigatória para os alunos de Filosofia, embora estivesse sempre repleta de pessoas de outras áreas que se matriculavam em disciplina isolada ou eletiva, buscando no Departamento de Filosofia um tipo de conhecimento que não encontravam em seus âmbitos de origem. Esse era um curso panorâmico, no qual o professor deveria começar com Platão e Aristóteles e terminar pelo menos às portas da filosofia contemporânea. Minha versão da matéria terminava com Nietzsche, passando pelas reflexões éticas dos epistemólogos do século XVII, dos moralistas do século XVIII, dos idealistas (alemães) do século XIX e de Marx. Como a experiência foi bem sucedida, esse curso me foi atribuído ainda muitas vezes ao longo de meus mais de quinze anos de UFMG e ainda hoje sou cogitado para ofertá-lo, o que faço, quando é o caso, mantendo a estrutura básica, mas flexionando-o, a cada vez, de modo diferente. Desde então além desse curso, já ofereci para nosso curso de graduação História da Filosofia Moderna (especialmente Idealismo Alemão), Estética, Antropologia filosófica, Teoria do conhecimento, além de várias disciplinas optativas e de disciplinas

(principalmente de Estética) para os cursos de graduação em Arquitetura, Música e Belas Artes.

Pelo fato de ser, à época, o único docente do Departamento especializado em Teoria Crítica da Sociedade, logo me foi proposto oferecer um curso sobre esse assunto no Mestrado em Filosofia, o que veio a ser minha primeira disciplina num curso de pós-graduação *stricto sensu* em filosofia. O curso se chamava “Etapas rumo a uma Teoria Estética em Theodor W. Adorno” e procurava mostrar como o filósofo partiu de uma noção mais geral, de Teoria Crítica da Sociedade, tributária do programa horkheimeriano, para atingir, em sua maturidade filosófica, uma versão dessa teoria totalmente permeada pelo elemento estético. A turma não era muito grande, com cerca de oito pessoas, mas era excelente e eu tive pela primeira vez a experiência de lecionar para alunos cujas questões sistematicamente (e não apenas ocasionalmente como já me ocorrera) me levavam a refletir e a aperfeiçoar minha abordagem do pensamento adorniano.

Minha chegada ao Departamento de Filosofia da UFMG coincidiu com um período de muitas mudanças em sua estrutura. Por um lado, as ameaças de Collor de Melo de retirar direitos assegurados do funcionalismo público, sob o pretexto de que eram privilégios, estimulava os colegas mais antigos a requerer precocemente suas aposentadorias. Por outro lado, no período de aproximadamente um ano chegaram dois novos professores e outros três ou quatro retornavam de suas licenças para doutoramento no exterior ou no país. Isso ocasionou uma rápida alteração na correlação de forças do departamento, de modo que, não apenas aos que já eram docentes da instituição e apenas retornavam do período de qualificação, mas também àqueles que, como eu, eram recém-admitidos, foi atribuída muita responsabilidade não apenas didática, mas também em termos de administração acadêmica.

Talvez o exemplo mais eloquente desse processo tenha sido a eleição de Ivan Domingues, recém-chegado da França, para a coordenação do Mestrado, a qual, até então, sempre estivera nas mãos de representantes da geração anterior. A mim, por exemplo, coube, com menos de um ano de docência na UFMG, um assento no colegiado de Pós-Graduação, que me legava grande responsabilidade na gestão colegiada do mestrado. Isso porque havia não apenas as matérias de rotina acadêmica, sempre à espera de uma decisão, mas também questões substanciais a serem discutidas e equacionadas, como, por exemplo, a reformulação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Essa era necessária, porque o programa possuía uma “área de concentração”, que era “filosofia contemporânea”, e vários “domínios conexos”, que era o nome dado ao temas de ensino e pesquisa que não se encaixavam propriamente na

rubrica principal do programa, mas que eram uma realidade no mesmo. No caso do programa da UFMG, havia, em virtude de práticas individualistas de pesquisa que se sedimentaram ao longo de décadas, uma enorme diversidade de “domínios conexos”, que mal se relacionavam com a “área de concentração” do programa. Muitas discussões foram feitas à época, envolvendo todos os docentes do curso, sem que houvesse uma solução que satisfizesse a todos os participantes. Como até hoje ocorre na estruturação ou reestruturação dos programas de pós-graduação, a resposta veio da combinação de um critério então já adotado pela USP, que era o de adotar como área de concentração simplesmente “Filosofia”, com uma prática de origem nas ciências “duras” – que começava a fazer carreira em certas subáreas das ciências humanas – que era de estruturar os programas a partir de “linhas de pesquisa”. Desse modo, o problema supramencionado foi resolvido por uma estrutura, na qual a área de concentração “Filosofia” abrigaria algumas linhas de pesquisa que se formariam a partir das aglutinações de trabalhos individuais que também tivessem enraizamento em certa tradição de investigações no departamento. Assim, foram formadas, de imediato, quatro linhas de pesquisa: “Filosofia social e política”, “Lógica e filosofia da ciência”, “Filosofia e teoria psicanalítica” e “Marxismo”. É importante ressaltar que esse tipo de estruturação em linhas de pesquisa que atualmente é muito comum entre os programas de pós-graduação *stricto sensu* em filosofia ainda não existia, tendo sido o programa da UFMG, que eu saiba, o primeiro a adotá-la, já em 1991.

Diante da temática que trabalhara até então, eu me preparava para aderir à linha “Filosofia social e política”, quando Ivan Domingues me procurou e me perguntou: “por que você não articula a criação de uma linha de pesquisa em estética?”. No fundo, era tudo que eu queria, mas eu não tinha pensado seriamente nisso antes por não ter certeza de poder, como novato, me mexer desenvoltamente nessa direção. Mas, afinal de contas, a Estética sempre fora uma preocupação teórica de ilustres professores do Departamento de Filosofia da UFMG, tais como Sônia Viegas e Moacyr Laterza, sendo que, desde 1969 até aquela época existira na FAFICH o “Laboratório de Estética”, criado por esse último e, pelo menos até recentemente, único no Brasil.

(...)

A criação dessa linha de pesquisa era muito importante para mim, pois, como já relatei anteriormente, eu próprio já havia me interessado bastante por Estética, a ponto de ela ocupar todo um capítulo de minha tese de doutorado e de eu abordá-la já no primeiro curso que ofereci no Mestrado. Foi assim que, tendo eu contatado as então professoras de Estética do Departamento, Maria Eugênia Dias de Oliveira e Maria José Campos, delas obtendo resposta positiva,

foi criada a quinta linha de pesquisa dentro da nova estrutura, denominada “Estética e filosofia da arte”.

A partir de então, boa parte de meu trabalho filosófico passou a girar em torno da estética, o que, por um lado, era muito bom, pois como já assinalai, meu interesse pela estética vinha de longa data e acredito que havia, de minha parte, certa “demanda reprimida” no sentido de abordar mais amplamente esse assunto. Por outro lado, eu estava me comprometendo com um âmbito da filosofia que sempre estive um pouco à margem das discussões que determinaram o fio condutor da história do pensamento, embora a maioria dos grandes filósofos de todos os tempos tenha tido preocupações afeitas à estética (Exemplos: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Hume, Kant, Hegel, Schopenhauer, Marx, Nietzsche, Wittgenstein, Heidegger, Adorno, Marcuse etc.). Na prática, isso significava que eu, que praticamente recomeçava minha carreira depois de mais de quatro anos, fazia uma opção também um pouco arriscada, por algo que não pertencia ao *mainstream* da filosofia – pelo menos no Brasil.

(...)

Minha opção pela estética, materializada na criação da linha de pesquisa “Estética e filosofia da arte”, levando também em conta minha preocupação com a criação de um espaço institucional para meu trabalho nessa área, me levou à aspiração de disputar meu primeiro cargo em administração acadêmica: a direção do Laboratório de estética da FAFICH. Esse laboratório, idealizado em 1969 por Moacyr Laterza, tinha como objetivo dinamizar as aulas das disciplinas Estética e História da Arte. De 1970 a 1976, o Laboratório de Estética foi dirigido pelo próprio Moacyr Laterza, período em que, ao lado da promoção de cursos de extensão que sempre foram sua marca registrada, iniciaram-se também as atividades de pesquisa, visando organização de acervo bibliográfico e fotográfico do Laboratório, sobre temas de filosofia da arte e sobre a arte mineira. (...) Mas o fato é que a ocasião parecia propícia a uma retomada do trabalho de pesquisa com ênfase no enfoque filosófico, agora possivelmente associado às atividades da recém-criada linha de pesquisa de estética, do Mestrado em Filosofia. Motivado por isso, me apresentei como candidato único à direção do laboratório, tendo felizmente sido eleito pelo conselho do órgão e tido minha postulação aceita pelo então Diretor da FAFICH, Hugo Pereira do Amaral.

Desde fins de 1991 até 1993, o Laboratório de Estética foi dirigido por mim com uma obsessão de aproximá-lo ao máximo das atividades da linha de pesquisa “Estética e Filosofia da Arte”, embora não tivesse descurado também das atividades de extensão, que, como já assinalai, eram uma tradição desse órgão.

(...)

Mas no que tange à organização de eventos, havia de minha parte a preocupação de concretizar algo de caráter mais acadêmico, aproveitando a proximidade do Laboratório de Estética ao trabalho da linha de pesquisa em Estética. Essa proximidade, aliás, já tinha gerado um fruto importante, que foi o grupo de pesquisa “Hermenêutica da Obra de Arte”, fundado na época em que se iniciou minha gestão no Laboratório de Estética e que deu origem ao atual Grupo de Pesquisa em Estética (GPE). A partir da supramencionada preocupação, organizei, com apoio das professoras de estética do departamento e de alguns membros do conselho diretor do Laboratório, o “Colóquio Nacional Morte da arte, hoje”, realizado de 15 a 18 de abril de 1993. Esse evento, que foi o primeiro de uma série que já conta com sete realizações, teve grande sucesso, apresentando palestras de filósofos nacionalmente reconhecidos como Gerd Bornheim, Ernildo Stein, Benedito Nunes e Jeanne Marie Gagnebin e atraindo estudantes de pesquisadores de todas as regiões do país, não apenas para apresentarem suas comunicações nas três sessões paralelas das tardes, mas também apenas para assistir ao colóquio. (...)

Quando mencionei acima que o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG despontava como um dos melhores do país, eu tinha em mente também o processo de implantação do Doutorado em Filosofia a ele associado, que tinha acabado de ser recomendado pela CAPES e se preparava para iniciar suas atividades. É importante ressaltar que, desde que eu era estudante de graduação em filosofia na UFMG, se ouvia falar no projeto de um Doutorado em Filosofia, que, até o início da década de 1990 mal tinha saído do papel. A supramencionada reestruturação do Mestrado com uma área de concentração, “Filosofia”, e cinco linhas de pesquisa, que efetivamente funcionavam e estimulavam as atividades de pesquisa e produção intelectual, facilitou muito a elaboração de um projeto consistente de Doutorado em Filosofia, cujo trabalho “braçal” foi dividido entre todos os membros do colegiado de pós-graduação, do qual eu fazia parte, capitaneados por Ivan Domingues, então coordenador do respectivo programa. Lembro-me de que até mesmo a redação dos itens exigidos pela CAPES para constar no projeto era dividida entre nós, havendo uma cooperação efetiva e uma divisão realmente equânime do trabalho. Desse modo, desde 1993, um dos mais antigos Mestrados em filosofia do Brasil – iniciado em 1974 – passava a ser um programa completo de pós-graduação em Filosofia, com os níveis de Mestrado e Doutorado.

(...)

Até o segundo semestre de 1993 minha experiência em administração acadêmica se limitara ao cargo de diretor do Laboratório de Estética, de secretário da ANPOF e à participação como membro titular na Câmara Departamental e

no Colegiado de Pós-Graduação do respectivo programa do Departamento de Filosofia. Quase ao final do ano, um grupo de colegas tentou me convencer de que não haveria opção melhor para o Departamento do que minha candidatura à sua chefia. A princípio relutei bastante, mas acabei por me convencer dos argumentos dos colegas e fui eleito para um mandato de dois anos, de novembro de 1993 a novembro de 1995. Era um cargo de muito maior responsabilidade do que os que eu assumira até então, pois eu teria que gerir uma unidade acadêmica composta de uns vinte e seis docentes à época e de três servidores administrativos. Eu me empenhei ao máximo para fazer jus à confiança que os colegas do departamento em mim depositaram e tinha como motivação a idéia de que, onde eu não pudesse ajudar efetivamente o trabalho acadêmico dos professores e alunos, eu deveria me esforçar pelo menos por não atrapalhar.

(...)

No que tange à minha intenção de, “pelo menos, não atrapalhar” o trabalho acadêmico dos colegas e dos estudantes, lembro-me de tentar restringir ao máximo o tempo gasto com reuniões, procurando, de certo modo, erigir uma espécie de “escudo” protetor entre a administração central da Universidade – sabidamente muito burocratizada – e as atividades filosóficas do Departamento, de modo que essas não fossem mortalmente contaminadas pelo furor organizacional daquela. Não posso dizer que tenha sido um chefe centralizador: eu pretendia estar sempre presente, atuante, sem, por outro lado, oprimir colegas e estudantes com exigências que os desviassem da atividade-fim da universidade, i.e., a produção e a difusão de conhecimento. No meu juízo, não deixava de levar à câmara departamental a discussão de qualquer problema que me parecesse substantivo, mas, observando os preceitos mais básicos da moralidade na administração pública, simplesmente ignorava qualquer exigência da reitoria que me parecesse descabida ou ociosa, que representasse uma sobrecarga nas atividades-meio em detrimento da supra-aludida atividade-fim da academia.

(...)

Nessa fase de minha carreira, que considero o momento de sua consolidação, houve ainda uma importantíssima experiência acadêmica, que foi minha atuação como coordenador de uma proposta apresentada ao PROIN (Programa de Integração entre Pós-Graduação e Graduação), da CAPES, aprovada para desenvolvimento no ano de 1996. Essa proposta foi elaborada principalmente por mim e minha colega Livia Guimarães, embora no desenvolvimento do projeto tenham participado também José Raimundo Maia Neto e Paulo Margutti. Ela visava à integração da comunidade de estudos nucleada na Graduação em Filosofia com o Programa de Pós-Graduação, já que o diagnóstico que fizemos era o de que aquela ainda não se beneficiara inteiramente da reforma desse,

a qual dera origem às linhas de pesquisa e, conseqüentemente, a uma rotina de trabalho acadêmico em que os docentes-pesquisadores não trabalhavam isoladamente, mas sempre de modo articulado com seus colegas e alunos, com excelentes reflexos na produção intelectual do programa como um todo.

O nome dado ao projeto, “Melhoria do Curso de Graduação em Filosofia a partir de Experiências bem sucedidas na Pós-Graduação” já denotava o objetivo principal de nossa proposta para o PROIN, que foi, a partir das bem-sucedidas experiências com o trabalho das linhas de pesquisa na pós-graduação, desenvolver e estimular novas experiências pedagógicas visando à melhoria do curso de graduação. A redação da proposta refletiu uma discussão deflagrada no departamento como um todo, na qual houve adesão de três grupos distribuídos entre duas das – à época – cinco linhas de pesquisa da Pós-graduação, a saber: Linha de Estética e Filosofia da Arte e linha de Lógica e Filosofia da Ciência (subgrupos de Lógica e de Estudos sobre o Ceticismo, respectivamente).

Minha ação no âmbito desse projeto pode ser dividida em um aspecto mais institucional, uma vez que sua coordenação dependia não só de interações com os diversos docentes participantes, mas também de negociações com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFMG. O apoio dessa última ao projeto foi decisivo, materializando-se também na concessão de vagas para monitores de pós-graduação, sem os quais sua realização não teria sido possível. No que tange à esfera do Departamento de Filosofia, nos três eixos trabalhados, o envolvimento dos professores foi mais do que satisfatório, tendo os mesmos se prontificado não só a colaborar na sua realização, mas também a empregar o material produzido e ajudar na avaliação.

Além desse aspecto mais institucional, e considerando que um dos três eixos a serem trabalhados era o da estética, havia uma parte em que eu tinha que localizar pontos de estrangulamento e propor soluções não apenas nas disciplinas de estética oferecidas aos alunos do Departamento de Filosofia, mas também aos cursos de Estética em várias áreas da UFMG, pelas quais ele se responsabiliza, tais como as Escolas de Belas Artes, de Música e de Arquitetura. Isso sem contar que, como já assinalei acima, sempre houve uma tradição de extensão universitária associada ao âmbito da estética em nosso Departamento, de modo que as soluções propostas poderiam ter um impacto positivo também nesse tipo de atividades.

Na verdade, as idéias que me ocorreram foram, pelo menos em parte, fruto de atividades de extensão da FAFICH que tiveram participação do Departamento de Filosofia. Refiro-me especialmente aos Cursos de Especialização em História, Sociologia e Filosofia, que surgiram no início da década de 1990 por força de convênio da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais

com nossa Faculdade e que tinham como objetivo capacitar, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, professores formados em ciências humanas para lecionar adequadamente as disciplinas contempladas no curso, principalmente no ensino secundário. Propositadamente, esses cursos eram oferecidos no norte de Minas Gerais, de modo a atrair mestres de áreas especialmente carentes, embora fossem abertos a todos os professores da rede pública do Estado.

A partir de minha experiência como professor desse curso em duas de suas edições (uma em Montes Claros, outra em Diamantina), cheguei à conclusão que, especialmente tendo em vista um grupo quase leigo em filosofia, mas também o alunado em geral, havia uma enorme carência de material didático eficiente para lecionar estética e filosofia da arte. Desse modo, constatando que essa falta não dizia respeito apenas àquele público específico dos cursos no Norte de Minas, mas ao ensino universitário em geral, propus como objetivo principal do eixo relativo à estética de nosso Projeto PROIN a elaboração de um material didático de alta qualidade e de características totalmente inéditas no ensino de Filosofia no Brasil.

Esse material se comporia de: 1) um livro-texto de Estética, contendo trechos de passagens clássicas da matéria, com conteúdo adequado principalmente às necessidades dos alunos de graduação em Filosofia, mas que não excluísse sua utilização por outros tipos de público; 2) um vídeo produzido na FAFICH, no qual houvesse uma apresentação correta, porém sensorialmente atraente da disciplina estética, abordando tanto aspectos de sua constituição ao longo da história da filosofia quanto os principais desafios teóricos por ela enfrentados na atualidade.

(...)

O trabalho de editoração do livro, correspondeu, no entanto, a uma pequena fração do necessário para a produção do vídeo. Meu modelo para sua realização eram os excelentes documentários que eu assistia na televisão cultural pública alemã, sobre os quais relatei acima. Mas eu teria que obter o efeito desejado com recursos muito mais modestos do que os que os produtores alemães possuíam. Para isso, procurei ajuda de duas colegas do Departamento de Comunicação da UFMG, Miriam Christus e Patrícia Moran, a primeira, professora de telejornalismo, a segunda de vídeo-produção. Depois de várias reuniões com ambas, ficou acertado que eu escreveria um texto que serviria de espinha dorsal para o conteúdo do vídeo, enfocando a estética desde o seu surgimento até a abordagem das questões contemporâneas, a partir do qual as colegas produziriam o roteiro e Patrícia Moran, autora de vários trabalhos muito elogiados na área, dirigiria o vídeo. O trabalho, desde os primeiros encontros até a finalização do vídeo durou vários meses, mobilizando uma produtora,



quatro atores, uma locutora, um cinegrafista e um editor. Ao resultado final, dei o nome de *Aisthesis* ao que deveria ser um vídeo de apresentação da estética, no qual a plasticidade se aliasse, tanto quanto possível, à precisão conceitual, sem que o aspecto didático fosse descuidado.

(...)

### **Uma carreira consolidada segue o seu curso...**

(...)

Alguns meses depois de retornar dos Estados Unidos fui sondado por colegas para assumir a função de vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, na chapa encabeçada por Javier Herrero, o que aceitei prontamente, levando em conta principalmente que eu não deveria ter mais trabalho do que já tinha como membro do colegiado do referido programa. O que eu não imaginava era que teria que assumir, poucos meses depois, inteiramente a Coordenação do Programa Pós-Graduação, pois havia uma pendência jurídica, relativa à condição de estrangeiro que Herrero ostentava à época (...): ele teve que deixar a coordenação e o candidato natural para sucedê-lo era eu, que inclusive já havia assumido provisoriamente suas funções e fui posteriormente eleito coordenador com plenos poderes. Não que eu excluísse anteriormente a possibilidade de vir a coordenar o Programa, ao qual eu tinha me dedicado bastante e que já era muito conceituado em todo o Brasil. Mas não estava nos meus planos fazê-lo tão imediatamente. Porém, uma vez que tudo apontava na direção de eu assumir essa tarefa, eu a abracei, levando para meu segundo mandato de muita responsabilidade no âmbito da Filosofia o mesmo princípio que orientara minha gestão como chefe do Departamento: administração é atividade-meio e, como tal, não deve nunca atrapalhar a atividade-fim da universidade que é a produção e a difusão de conhecimentos. O corolário disso era (e é) que, a exemplo do que afirmei no tocante ao meu período na chefia do Departamento, onde não fosse possível ajudar a atividade acadêmica, era minha obrigação pelo menos não atrapalhar.

(...)

No todo, tentei prosseguir com o mínimo possível de sobressaltos e, pelo que me lembro, o único projeto mais ambicioso durante esse período foi o procedimento relativo aos mestrands “intempestivos”. Esses eram alunos que, por razões diversas, não tinham defendido suas dissertações dentro do prazo e haviam perdido o direito de serem religados ao programa por um mero ato administrativo do colegiado, com a finalidade exclusiva de defenderem seus trabalhos de conclusão (o religamento só era efetuado mediante a apresentação

da dissertação). Diante da insistência de pedidos de mestrandos com data de desligamento mais recente e levando em consideração o princípio jurídico da isonomia, o colegiado de pós-graduação do programa chegou à conclusão que, se esse direito fosse dado àqueles alunos, ele deveria também ser concedido a todos aqueles que, desde a fundação do Mestrado, em 1974, tinham deixado de defender suas dissertações e tinham sido (a princípio) irrevogavelmente excluídos do Programa. O primeiro passo era obter anuência da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, que, mesmo um pouco relutante a princípio, acabou concordando com o procedimento. Num segundo momento, procurei obter a concordância da Diretoria de Avaliação da CAPES, que enviou um fax cujo texto era um primor de ambiguidade: não desaconselhava totalmente o procedimento mas também não o recomendava. Como era difícil decifrar o que dizia o Prof. Adalberto Vasquez, então diretor de avaliação da CAPES, chegamos a conclusão que pelo menos ciente de nosso projeto ele estava.

Com isso, iniciou-se um processo que teve alguma coisa de “épico”: fizemos um cadastro de todos os mestrandos que, desde 1974, não tinham defendido as dissertações e tentamos localizá-los para comunicá-lhes que eles teriam uma segunda chance. Muitos não chegaram a receber nossa correspondência, pois tinham mudado de endereço, possivelmente até de cidade ou país; alguns, como soubemos através de parentes, infelizmente já haviam falecido. De qualquer modo, entre mestrandos de desligamento mais recente e aqueles emersos de um passado mais remoto, vinte e cinco dissertações foram defendidas num período de um ano e meio.

Como em boa parte dos casos o tempo médio de titulação desses mestrandos era elevadíssimo e o fomento por parte da CAPES – ao que se dizia – dependia diretamente desse índice, optamos por não computar essas defesas no campo próprio do *software* Coleta-CAPES, que fazia automaticamente o cálculo levando em consideração a primeira matrícula da(o) mestrand(a) e sua data de defesa, mencionando os dados completos das defesas na parte de comentários por extenso do formulário eletrônico. É importante observar que a parte final desse longo processo foi competentemente apoiada pela secretária Andréa Baumgratz (...). Posso considerar uma vitória pessoal ter conseguido que ela tenha vindo trabalhar conosco, pois, sabedores de sua competência, outros Departamentos da FAFICH também estavam na disputa por seus serviços.

Apesar de já ter assumido a coordenação do PPG, nesse mesmo ano de 1997, pude dar continuidade à série de eventos de estética, encabeçando a organização do “Colóquio Internacional Luzes da Arte”, dedicado aos cinquenta anos de publicação da *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. O evento se realizou na FAFICH, de 16 a 19 de setembro de 1997, com a participação de duas

centenas de interessados, dos quais aproximadamente cinquenta apresentaram trabalhos. Entre os palestrantes principais se encontravam Christoph Türcke e Gerhard Schweppenhäuser. Desse último eu já conhecia e admirava o trabalho; tive muito prazer em conhecê-lo pessoalmente e identificar nele uma pessoa generosíssima, além de um intelectual de primeira linha. Christoph Türcke eu conhecera muito rapidamente ainda no meu tempo de doutorando na Alemanha, por ocasião da palestra que ele proferiu num pequeno evento em Kassel, dedicado à *Dialética do esclarecimento*. Depois disso, tive o prazer de reencontrá-lo em 1993, como professor visitante da PUC do Rio Grande do Sul, no IV Seminário internacional "Ética do discurso e filosofia latino-americana da libertação", em São Leopoldo e de convidá-lo para uma palestra na UFMG no ano seguinte. Como relatarei adiante, o contato que estabeleci com ambos os colegas alemães a partir desse evento de 1997 foi extremamente frutífero não apenas em termos intelectuais, mas também institucionais.

(...)

Antes de mais nada, devo dizer que data dessa época minha amizade com Gerhard Schweppenhäuser, que, a partir de então, passou a ser uma referência para mim não apenas em termos acadêmicos, mas também humanos. Filho de um dos mais ilustres representantes da Teoria Crítica ainda vivos, que fora inclusive assistente de Theodor Adorno – Hermann Schweppenhäuser –, Gerhard se revelou como o interlocutor filosófico ideal, pois, embora três anos mais jovem do que eu, já era um intérprete de Adorno, reconhecido na Alemanha e com vários livros e artigos publicados em reputados veículos internacionais. Sua colocação acadêmica era como assistente na área de estética da Universidade Bauhaus de Weimar, que, por coincidência, estava à procura de uma instituição latino-americana de prestígio com a qual pudesse estabelecer um intercâmbio frutífero e duradouro.

A partir dessa situação, eu e Gerhard tivemos a idéia de elaborar uma proposta para ser apresentada ao PROBRAL, um consórcio entre a CAPES e o DAAD para apoiar projetos de pesquisa cooperativos, através dos quais pesquisadores de instituições do Brasil e da Alemanha pudessem trocar experiências e somar forças em iniciativas conjuntas de investigação, nas quais a formação de novos pesquisadores pudesse também ser contemplada através de estágios de pesquisa (do tipo "sanduíche", por exemplo) e das atividades didáticas, em ambos os países, dos docentes envolvidos (eu e Virginia Figueiredo do lado brasileiro; Gerhard Schweppenhäuser, Olaf Weber, Christoph Türcke e Rudi Baur do lado alemão).

Desse modo, passei alguns dias em Weimar, nos quais eu e meu parceiro alemão formatamos a base do projeto, redigindo conjuntamente em alemão

suas diretrizes gerais e vislumbrando as atividades a serem desenvolvidas. O projeto veio a se chamar “Mudança de forma na autonomia estética. Indústria cultural, cultura popular e Arte numa consideração intercultural” e colocava como objetivos teóricos tanto a checagem da permanência do poder interpretativo da teoria crítica da indústria cultural estabelecida por Horkheimer e Adorno na década de 1940, quanto a abertura da possibilidade de desenvolvidos dessa teoria, onde isso se fizesse necessário. Como atividades práticas principais estavam a oferta de seminários conjuntos em Belo Horizonte e Weimar, associados ou a estágios de pesquisa ou à participação em eventos em ambas as sedes do projeto.

Nesse mesmo ano de 1998 o projeto foi aprovado por ambos os lados – alemão e brasileiro – e já no início de 1999 pudemos contar com os recursos postos à disposição pelas agências participantes, que incluíam passagens aéreas para docentes e doutorandos, diárias para aqueles e bolsas de curta duração para esses, além de uma pequena taxa de bancada para gastos cotidianos com o projeto.

(...)

O balanço que faço dos três anos de vigência do projeto cooperativo com a Bauhaus Universität de Weimar é totalmente positivo: dele resultou um convênio permanente da UFMG com a instituição alemã, no qual atualmente não apenas a área de filosofia, mas também outras áreas de nossa universidade estão incluídas. Além disso, tivemos a oportunidade de publicar no Brasil vários textos dos colegas alemães participantes e também de publicar alguns de meus textos em veículos alemães. Os cursos oferecidos pelos participantes do projeto no Brasil e na Alemanha tiveram muito sucesso, tendo havido também um pequeno intercâmbio discente direto (meus doutorandos Romero Freitas e Eduardo Soares fizeram estágios “sanduíche” em Weimar e a aluna Corina Römer esteve em Belo Horizonte por algumas semanas colhendo dados para seu trabalho de conclusão de curso). Além das supramencionadas publicações, houve a produção de um livro em alemão, organizado por mim, Gerhard Schweppenhäuser e Oliver Fahle, intitulado *Massenkultur. Kritische Theorien im interkulturellen Vergleich* (“Cultura de Massas. Teorias críticas numa comparação intercultural” – Lit Verlag, 2003).

### À guisa de conclusão

A história relatada nestes excertos não terminou no início de 2006, após finalizado o memorial acadêmico a partir do qual eles foram compostos, assim como não finalizou até agora – catorze anos depois. Mesmo que o autor deste texto tenha prosseguido na sua carreira acadêmica, tendo continuado com as

habituais ações de pesquisa, ensino, orientações e extensão (registradas no seu CV Lattes), além de outras atividades mais específicas, não seria incorreto dizer que o período referido no memorial corresponde aos momentos mais decisivos de sua vida profissional e intelectual – quase todas intimamente relacionadas à história do Departamento de Filosofia nesse período.

Dentre as mencionadas “atividades mais específicas”, poder-se-ia incluir, dentre outras, a de presidente da Associação Brasileira de Estética (de 2006 a 2014), de chefe do Departamento de Filosofia (pela segunda vez, de 2006 a 2008), de coordenador do PPG-Filosofia (também pela segunda vez, de 2009 a 2011), de membro do Comitê Assessor do CNPq para a área de filosofia (de 2011 a 2014), de Pró-Reitor de Pós-Graduação da UFMG (de 2014 a 2016) e de coordenador do lado brasileiro do projeto cooperativo entre o PPG-Filosofia da UFMG e a área de Estética da Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, “Estética contemporânea: diálogo de culturas”, apoiado pelo consórcio CAPES-COFECUB (de 2018 a 2021), sendo que todas elas sempre estiveram direta ou indiretamente ligadas à pertença do autor destas linhas ao Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG.

O empenho em transformar, por meio de impiedosos cortes, um texto que tinha um objetivo acadêmico-administrativo em algo mais legível, pelo menos no que tange às suas dimensões, se insere nos esforços atuais do Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG, mais especificamente de sua “Comissão da memória”, no sentido de recuperar e valorizar a sua própria história. Na publicação deste texto reside a esperança de seu autor de contribuir, de algum modo, para essa importante iniciativa.